



HAL
open science

A figuração do divino: representações numismáticas de Afrodite e de Ártemis

Mateus Mello Araujo da Silva

► **To cite this version:**

Mateus Mello Araujo da Silva. A figuração do divino: representações numismáticas de Afrodite e de Ártemis. *As paixões e os afetos: percepção e figuração da realidade em múltiplas temporalidades*, pp.182-197, 2020, 978-65-86039-57-3. <hal-03814887>

HAL Id: hal-03814887

<https://hal.science/hal-03814887v1>

Submitted on 18 Nov 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

Renato Franco - Alexandre Carneiro - Edmar Freitas (orgs.)

As paixões e os afetos

Percepção e figuração da realidade em
múltiplas temporalidades



HUCITEC EDITORA

AS PAIXÕES E OS AFETOS
percepção e figuração da realidade
em múltiplas temporalidades

Renato J. Franco
Alexandre C. C. Lima
Edmar C. Freitas
organizadores

AS PAIXÕES E OS AFETOS
percepção e figuração da realidade
em múltiplas temporalidades

HUCITEC EDITORA
São Paulo, 2020

© Direitos autorais, 2020,
da organização de,
Renato J. Franco, Alexandre C. C. Lima & Edmar C. Freitas
© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209, 04110-020 São Paulo, SP.
Telefone (55 11 3892-7772)
www.lojahucitec.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial: MARIANA NADA
Produção editorial: KÁTIA REIS
Assessoria editorial: MARIANA TERRA
Circulação: ELVIO TEZZA

CRIAÇÃO E ARTE-FINAL DE CAPA
Sílvia Patuzzi

IMAGEM
Escultura de C. Brancusi, *A musa adormecida* (1910)

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P149 As paixões e os afetos [recurso eletrônico] : percepção e figuração da realidade em múltiplas temporalidades / Renato J. Franco, Alexandre C. C. Lima, Edmar C. Freitas (organizadores). – São Paulo : Hucitec, 2020. – 282 kb. ; PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-86039-57-3
BISAC HIS000000 HISTORY / General

1. História. 2. Representação histórica. I. Franco, Renato J. II. Lima, Alexandre C. C. III. Freitas, Edmar C. IV. Título.

CDD 907.2

SUMÁRIO

- 7 **Apresentação**
- 9 **Capítulo 1**
“Prosopon”: representações de sentimentos e emoções captados pelos artesãos gregos, *Alexandre Carneiro Cerqueira Lima*
- 26 **Capítulo 2**
Sob o signo do medo: cultura e sensibilidade em tempos de peste (Pernambuco, 1685-1693), *Bernardo Constant*
- 41 **Capítulo 3**
Eurípides para além do binarismo de gênero: as contribuições do estudo das emoções e sensibilidades, *Brian Gordon Lutalo Kibuuka*
- 55 **Capítulo 4**
Os limites da tolerância religiosa em Erasmo de Roterdã, *Caio Affonso Leone*

- 67 Capítulo 5**
As dores e os sofrimentos no corpo: texto, imagem e epigramas funerários, *Camila Alves Jourdan*
- 83 Capítulo 6**
O deserto e suas emoções: a produção literária árabe e suas contribuições na formação do Império árabe medieval, *Dandara Arsi Prenda*
- 92 Capítulo 7**
A primeira geração de jesuítas em ação no espaço missionário lusitano: virtudes e sensibilidades, vícios e conflitos na mediação cultural em Goa e em Salvador (1541-1558), *Daniel Sepúlveda*
- 108 Capítulo 8**
Penitentes e sofredores: as rogações e a percepção das calamidades na Gália dos séculos V-VI, *Edmar Checon de Freitas*
- 125 Capítulo 9**
Cultura escrita, prática epistolar e guerras na América portuguesa (século XVIII), *Giovane Albino Silva e Naira Maria Mota Bezerra*
- 139 Capítulo 10**
Sobre ódios e ressentimentos: imprensa, violência e criminalização da opinião, *Laura Maciel*
- 159 Capítulo 11**
Da Caridade à Filantropia: a evolução do olhar para o outro no Brasil do século XIX, *Luiz Fernando Saraiva*

- 182 Capítulo 12**
A figuração do divino: representações numismáticas de Afrodite e de Ártemis, *Mateus Mello Araujo da Silva*
- 198 Capítulo 13**
“[Ou] você rejeita e despreza o mundo, ou [...] é pisoteado por ele”: pregação, audiência e usos da quaresma na primeira Idade Média (séculos IV-VI), *Paulo Duarte Silva*
- 212 Capítulo 14**
“Assim é o esporte”: sensibilidades, traumas e os significados da derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950 nos jornais esportivos do Rio de Janeiro, *Renato Coutinho*
- 226 Capítulo 15**
Riqueza, pobreza e miséria no *Compêndio narrativo do peregrino da América*, *Renato Franco*
- 238 Capítulo 16**
Uma nova sensibilidade a respeito de riqueza, pobreza e liberdade: os mendigos de Erasmo, *Silvia Patuzzi*
- 255 Capítulo 17**
A Elucidação: um certo olhar sobre o *Conte del Graal*, *Sínval Carlos Mello Gonçalves*
- 269 Capítulo 18**
Locus quo sancta membra quiescunt: presença e experiência devocional na igreja de São Martinho de Tours (séculos V-VI), *Tomás de Almeida Pessoa*

APRESENTAÇÃO

A presente coletânea é fruto da união de esforços de pesquisadores que atuam em diferentes laboratórios no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Boa parte dos autores é constituída por docentes, alunos e egressos dos quadros do mesmo programa, além de colaboradores externos, historiadores que trabalham com temáticas e temporalidades bem distintas entre si. A formação de tal conjunto vincula-se à compreensão da história e do discurso histórico sob uma perspectiva plural, um dos principais eixos que têm orientado a trajetória do PPGH/UFF. Ao longo dos seus cinquenta anos de existência ele tem procurado reunir, formar e estimular pesquisadores ligados a tradições culturais, experiências de vida, trajetórias acadêmicas e orientações teórico-metodológicas de diferentes matizes. O respeito à alteridade, imperativo ético indispensável à vida em sociedade, pode e deve orientar também a construção de espaços acadêmicos que busquem a excelência na sua produção e na formação de pesquisadores. Isso se torna especialmente relevante dada a riqueza da

diversidade cultural de um país de dimensões continentais como o Brasil.

Os textos aqui reunidos dialogam entre si por meio da tríade sentir, ver e representar. Paixões e afetos, mas também dor e sofrimento, constituem aspectos da experiência humana que conecta homens e mulheres de mundos separados no tempo e no espaço. Mas a percepção de tais aspectos, bem como sua figuração, textual ou imagética, remete ao campo das representações históricas. Testemunhos diversos são aqui discutidos sob perspectivas teóricas e aproximações metodológicas muito distintas, mas que têm como traço comum o enquadramento na dimensão histórica dos discursos que nos transmitem os ecos de sentimentos, medos e emoções vividos em outros tempos e lugares. Mas não nos esqueçamos que esses trabalhos registram e constroem, respectivamente, as percepções e representações dos próprios autores. Que o leitor se sinta convidado a ingressar nessa viagem e a partilhar com eles essa experiência.

CAPÍTULO 12

A figuração do divino: representações numismáticas de Afrodite e de Ártemis

Mateus Mello Araujo da Silva

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal Fluminense
mateusaraujomello@hotmail.com

AFRODITE (EUPLOIA)

A cidade de Cnido, localizada na costa da Cária (atualmente na província de Muğla, sudoeste da Turquia), apresentou uma longa tradição de representações imagéticas de Afrodite. A mais famosa certamente é a estátua encomendada ao ateniense Praxiteles, no IV século a.C., para um dos templos da deusa na cidade. Todavia, os cnídios, pelo menos desde o VI século a.C., já figuravam a deusa em suas moedas por meio de representações visuais, e mesmo táteis. (CAHN: 1970). A maior parte da sua produção monetária dos períodos arcaico e clássico possui uma grande estabilidade, tanto nas representações dos tipos

numismáticos, quanto de seu material de produção. Sempre em prata, seus tipos são quase sempre da cabeça de Afrodite e/ou um leão. No início de sua produção monetária, uma das figuras ocupava o anverso, enquanto o reverso era ocupado por um quadrado incuso. Mas, ainda nas emissões arcaicas, o leão e Afrodite passam a ser associados, com o animal no anverso e a deusa dentro do próprio quadrado incuso do reverso.

Igualmente, ao longo do período clássico, essa dupla continua a dominar a iconografia numismática da cidade, mas com notáveis divergências. A primeira, um conjunto de triemióbolos (*BMC*¹ 27), datada tradicionalmente entre 394 e 390 a.C., é uma emissão conjunta com as cidades de Bizâncio, Cízico, Éfeso, Iaso, Rodes, Samos e, provavelmente, Lâmpsaco². Essa emissão ‘federativa’ possui no anverso compartilhado entre as oito cidades a inscrição ΣΥΝ (o prefixo grego συν é esclarecedor, pois significa “com” ou “junto de”) e Hércules infante estrangulando duas serpentes, já no reverso específico dessa cidade há o étnico de Cnido (ΚΝΙΔΙΩΝ) e a cabeça de

1 Usaremos como referência dos tipos numismáticos o tradicional *Catalogue of the Greek Coins of Caria, Cos, Rodes & c.*, do Museu Britânico e datado de 1897. Apesar de suas limitações inerentes e revisões necessárias devido ao seu caráter centenário, optamos por esse catálogo devido à sua abrangência e notoriedade. Já na apresentação das imagens das moedas, o primeiro número identificador (iniciado sempre por *FRBNF*) é aquele do exemplar cuja imagem está representada. Todas as moedas são das coleções do Departamento de Moedas, Medalhas e Antiguidades da Biblioteca Nacional da França (*BNF*). Os exemplares podem ser consultados no banco de dados online *Gallica* (<https://gallica.bnf.fr/>). O segundo número é a correspondência com o tipo numismático do catálogo do Museu Britânico.

2 As abreviaturas usadas ao longo deste capítulo são: **BMC**: *Catalogue of the Greek Coins of Caria, Cos, Rodes & c.*; **BNF**: Biblioteca Nacional da França; **IG**: *Inscriptiones graecae*; **IK Knidos**: *Knidos Inscriptions. Texts and List*; **Iscr. Di Cos**: *Iscrizioni di Cos*; **SEG**: *Supplementum Epigraphicum Graecum*; **Syll. C.**: *Sylloge Nummorum Graecorum Copenhagen*; **Syll. F.**: *Sylloge Nummorum Graecorum Finland*.

Afrodite. A emissão normalmente é tratada como comemorativa da derrota espartana na batalha de Cnido (394 a.C.), durante a Guerra de Corinto. Já J. M. Cook (1961, p. 66-72) sugere que as emissões deveriam ser datadas de 391/390 a.C. e, na verdade, seriam pró-espartanas. A segunda cunhagem divergente seria aquela com o anverso representando Afrodite, mas associada a uma cabeça de um touro no reverso (*BMC* 37-39).

Nesse período, a representação da deusa acabou por se estabelecer majoritariamente em dois penteados característicos, com o cabelo preso atrás de sua cabeça na forma de um coque simples ou com um esfendone (espécie de lenço para prender o cabelo, também em forma de coque, na altura da nuca).

Imagem 1



Legenda: Anversos de dracmas helenísticos com Afrodite em suas representações tradicionais, com um coque simples (FRBNF41778847; *BMC* 46 - 47) e com um esfendone (FRBNF41778848; *BMC* 43 - 44).

Compreendemos as peças do vestuário e os penteados como parte mais ampla da ‘roupa’ que as divindades apresentam em suas representações iconográficas. Porém, o conjunto

de signos que portam é limitado, visto que as representações nas cunhagens apresentadas ocupam principalmente o anverso. Nesse campo, as divindades são representadas apenas por meio de sua cabeça. Logo a quantidade de signos de vestimenta que podem portar está limitada àqueles que são postos na região da cabeça e pescoço (coroas, brincos ou colares, por exemplo), excluindo-se as demais partes do corpo e suas vestimentas apropriadas do campo visível da moeda, ficando sua presença apenas subentendida.

Ao entendermos essas peças do vestuário como signos, fazemos uso não só do campo mais estrito da semiótica, mas também nos referimos à compreensão de Mireille M. Lee de que a roupa é um sistema semiótico, embora não seja considerada pela autora como uma linguagem, ou um sistema mais estrito no sentido empregado por Roland Barthes (2009). Esse sistema, advogado pela autora, imbui os signos de sentidos particulares quando justapostos com outros signos (LEE: 2015, p. 23-24).

Por sua vez, os primeiros anos do período helenístico representam um grande grau de continuidade com o quadro geral dos períodos arcaico e clássico, se relevadas as diferenças estilísticas mais minuciosas. As moedas continuam a ser emitidas majoritariamente em prata, embora seja possível também observar as primeiras emissões em bronze, na passagem IV para o III séculos a.C. Já os tipos numismáticos seguem quase sempre as mesmas representações do leão e de Afrodite, caracterizados pelo mesmo repertório de signos tradicionais. Com isso, é necessário ter em mente a associação secular entre a cidade e sua cunhagem com a iconografia de Afrodite e do leão.

Como aponta Catherine Grandjean, as moedas são elementos relevantes para uma dada comunidade cívica, visto que não só seriam objetos de valor econômico, mas também um suporte em que a comunidade produtora vinculava sua

identidade de forma complexa, por meio de tipos numismáticos com referências a tradições locais e/ou supralocais (GRANDJEAN: 2012). Logo as divindades, com suas formas de figuração por meio de signos característicos, e a comunidade local produtora, emissora e consumidora desses tipos numismáticos estavam entrelaçadas em um sistema complexo de identificação e pertencimento mediado pelos sentidos. Com relação à sua especificidade local, a Afrodite das cunhagens cnídias normalmente é associada a seu epíteto Euploia, aquela que garante uma boa navegação. Primeiramente, isso se dá devido à sua associação com a proa de navio, presente em uma contramarca atrás do pescoço da deusa nos tipos numismáticos do fim do período clássico (ASHTON: 1999, p. 67). Mas também pode-se elencar a descrição tardia que Pausânias (I, 1, 3) faz dos templos de Afrodite na cidade, no II século d.C. O autor cita a devoção especial dos cnídios por Afrodite (Κνίδιοι γὰρ τιμῶσιν Ἀφροδίτην μάλιστα), que os levou a ter três templos dedicados à deusa. Construídos em períodos diferentes não especificados por Pausânias, os templos são ordenados cronologicamente como o de Afrodite Doritis (Δωρίτιδος), Acraia (Ἀκραίας) e aquela chamada pelos cnídios de Euploia (Εὔπλοιαν), mas de Cnídia (Κνιδίαν) pelos demais. O fato dos não-cnídios associarem Afrodite Euploia à Afrodite de Cnido demonstra que, pelo menos no II século d.C., a tradição já havia associado fortemente esse epíteto específico da deusa à própria cidade. Por fim, devido à localização privilegiada de Cnido como ponto importante da rota de navegação do sudeste do Egeu (GREENE, LEIDWANGER: 2018), não surpreende a importância do culto da deusa associado a esse epíteto específico.

Embora as emissões do fim do período clássico possibilitem uma associação mais segura entre a Afrodite da iconografia numismática e seu epíteto Euploia por meio da presença

das proas de navio, as emissões helenísticas apresentam outras contramarcas associadas à deusa no anverso, como capacetes ou monogramas. Mas há um conjunto de moedas helenísticas que associam a deusa com a proa de navio, apesar de estarem em um jogo de associações entre seu anverso e reverso. No reverso de um tipo numismático pertencente a uma emissão em bronze, estão a proa de um navio no centro, com as três primeiras letras do étnico acima, e abaixo uma clava e o nome do magistrado. No anverso da moeda, está uma divindade tradicionalmente caracterizada como Afrodite nos catálogos numismáticos do Museu Britânico (*BMC*), da Coleção Real de Moedas e Medalhas do Museu Nacional Dinamarquês (*Syll. C.*) e da Coleção Erkki Keckman do Skopbank de Helsinki (*Syll. F.*), embora seu penteado esteja fora do estilo característico da deusa apresentado anteriormente.

Imagem 2



Legenda: Afrodite e a proa de navio (FRBNF41778901; *BMC* 61).

Como a proa de navio é elemento recorrente e associativo ao epíteto *Euploia* nas cunhagens clássicas, sua presença nessa emissão é, ao mesmo tempo, um sinal de continuidade

e inovação. Continuidade pela possível referência às emissões anteriores com a representação de Afrodite Euploia; inovação pela posição desse signo na moeda, agora não mais como secundário atrás do pescoço da deusa no anverso, mas como signo dominante do reverso, tomando a posição tradicionalmente ocupada pelo leão. Contudo, nos demais tipos helenísticos, o argumento para sua identificação com Afrodite Euploia é aquele de generalização, que não pode ser levado às últimas consequências, dada a existência atestada na documentação literária posterior (como em Pausânias) de outros epítetos e formas de culto associados à deusa em Cnido.

Dado esse relativo grau de continuidade na representação de Afrodite, ainda associada a certos signos tradicionais, seria pouco verossímil atribuímos uma ruptura radical na passagem do período clássico para o helenístico na construção da identidade cnídia por meio de seus tipos numismáticos. Uma mudança profunda se dá somente em meados do III século a.C. Com base nas datações revisadas do catálogo numismático de Helsinki (*Syll. F.*)³, podemos considerar que as emissões monetárias com os tipos tradicionais de Afrodite se estenderam de forma constante até cerca de 250 a.C., sendo a mesma conclusão apresentada por Andrew Meadows (2018, p. 301-302). Um dos únicos tipos numismáticos com Afrodite que pós-datam meados do III século a.C., o de bronze supracitado (Imagem 2), é atribuído à segunda metade do mesmo século. Seu penteado em forma de rolo atestaria a influência da iconografia de outra deusa, cuja cunhagem surge a partir da metade do III século a.C. na cidade, Ártemis.

3 Os autores do catálogo utilizam-se, por sua vez, da cronologia estabelecida na tese *Utmyntningen på Knidos, 394 f. Kr. – ca. 210 e. Kr.* (1972), do norueguês Jan Nordbø.

ÁRTEMIS

As representações de Ártemis trazem uma grande inovação na iconografia numismática cnídia do período helenístico. Os tipos numismáticos da deusa nos aversos aparecem quase em sua totalidade relacionados aos reversos com a figura da trípole, cuja associação com a deusa em Cnido remeteria ao possível prêmio dado ao vencedor dos jogos em sua honra. O culto e as competições em honra à deusa, sob seu epíteto local *Iakynthotrophos*, são atestados na epigrafia cnídia a partir da passagem do III para o II séculos a.C.⁴, mas sua crescente importância cívica pode ser atestada décadas antes com essas cunhagens. Nas moedas, a trípole sempre é representada ao centro, com o nome do magistrado à esquerda e o étnico completo à direita. No anverso, essas moedas possuem o signo da aljava aparente atrás da deusa, que tem um penteado característico em forma de rolo, dividido em duas partes por um estefane (espécie de coroa ou tiara).

4 A primeira inscrição a atestar o culto à Ártemis sob esse epíteto é um extenso convite dos cnídios aos habitantes de Cós (ilha do Dodecaneso, próxima de Cnido), seguido da resposta afirmativa, para a participação nas competições e cultos instaurados em honra à deusa (*IG XII,4 1:166*; *SEG 38.812*; *IK Knidos I 220*; M. Segre, *Inscr. di Cos* (1993) ED 77 (a)). Seu culto é atestado na cidade até o período imperial.

Imagem 3



Legenda: Moeda com Ártemis e trípode (FRBNF41778873; *Syll. C.* 287).⁵

Essa associação entre a deusa e a trípode é quebrada apenas em um conjunto de emissões em bronze (*BMC* 73). Nessas moedas de bronze, a figura feminina é representada com sua construção típica das cunhagens cnídias de Ártemis, com o penteado em forma de rolo e o estefane. Já em seu reverso, há a cabeça de um touro. A associação da deusa ao touro (ou boi) não surpreende, sendo reconhecida por seus epítetos e cultos na Antiguidade. A associação já é possível, por exemplo, na tragédia *Ifigênia em Tauris*, de Eurípides. O sacrifício de Ifigênia deveria ser feito à Ártemis pelas mãos de seu pai, Agamemnon, no território de Aulis, mas a deusa intervém e a leva para a terra dos táuridas (Ταύρων χθόνα, v. 30), termo que remete a ταῦρος (touro, na língua grega). Essa associação entre a deusa e o animal também está presente na comédia *Lisístrata* (Ταυροπόλον, v. 447), de Aristófanes, e no *Hino à Ártemis* (Ταύρων, v. 174), de Calímaco.

⁵ Na ausência de correspondência do tipo numismático com o catálogo britânico (*BMC*), inserimos aquela encontrada no também tradicional catálogo dinamarquês (*Syll. C.*).

Com base na cronologia do catálogo finlandês supracitado (*Syll. F.*), as moedas com Ártemis no anverso seriam datadas a partir de 250 a.C. O princípio do seu período de emissão é simultâneo ao fim de quase toda a produção de moedas com os tipos de Afrodite. Essa alteração do tipo monetário de Afrodite, relativamente estável por séculos, para Ártemis ao longo da segunda metade do século III a.C. pode ser indicativa de uma profunda mudança na concepção cnídia sobre sua identidade e práticas culturais.

ENTRELAÇAMENTO

Além do tipo numismático supracitado com Afrodite e a proa (Imagem 2), as semelhanças nas representações das duas divindades, especialmente por meio de variações nos penteados de Afrodite em certas emissões helenísticas, podem ser observadas também por meio de uma emissão de dracmas, datada entre 330 e 250 a.C. Em um dos tipos numismáticos pertencentes a essa emissão, a deusa é representada dentro de uma borda circular pontilhada e com o penteado tradicional, na forma de um coque na parte de trás da cabeça. Mas ela também porta um estefane, presença constante nas representações posteriores de Ártemis. No reverso, há um leão, em uma associação tradicional às moedas da cidade desde o período arcaico, acompanhado do nome do magistrado começando acima e seguindo à direita, além das três primeiras letras do étnico abaixo. Assim como no caso da moeda de Afrodite com a proa, a deusa apresenta um aspecto que remete à representação majoritária de Ártemis. Entretanto, esse dracma antecede o começo da emissão de seus tipos numismáticos. Logo o estefane, assim como o cabelo em forma de rolo, não seriam signos exclusivos de Ártemis, podendo ser utilizados também por Afrodite.

Imagem 4



Legenda: Afrodite com um estefane e leão
(FRBNF41747294; BMC 40 - 42).

Porém um dióbolo, datado do III século a.C. ou da primeira década do II século a.C., apresenta um quadro ainda mais complexo nessa circulação de signos entre as duas divindades. Uma figura feminina representada no anverso, dentro de uma borda circular pontilhada, possui simultaneamente um penteado em forma de rolo e um estefane. Embora o penteado pareça remeter às representações de Ártemis, o catálogo dinamarquês (*Syll. C.*) apresenta a divindade como sendo Afrodite.

Imagem 5



Legenda: Afrodite/Ártemis e a cabeça de touro
(FRBNF41778906; *Syll.* C. 297 - 300)

Como visto nos tipos numismáticos anteriores, embora Afrodite pudesse apresentar signos indumentários singulares que seriam atribuídos posteriormente (no caso do dracma) ou simultaneamente (na moeda de bronze) à outra deusa, esse tipo numismático apresenta uma justaposição de dois desses signos. Essa combinação de signos poderia levantar questões sobre sua identificação como Afrodite e tensionar a que fosse identificada como Ártemis.

Mas outras associações levantam questões também sobre a possível identificação da divindade como Ártemis. Embora o penteados remeta a ela em todos os seus aspectos, um elemento central de sua representação está ausente: a aljava. Nem mesmo sua associação com um reverso representando um touro, acompanhado de étnico acima e o nome do magistrado à esquerda, permite conclusões acerca de sua identificação. Como apontado, a tradição numismática da cidade apresenta casos de associação de ambas as divindades com o reverso de touro. E em ambos os casos, essa associação é minoritária,

sendo Afrodite associada majoritariamente ao leão e Ártemis à trípode. Essa ambiguidade na atribuição precisa da divindade pode ser compreendida não só como a dificuldade do receptor contemporâneo, mas também a própria intenção dos emissores antigos. Como coloca Clare Rowan (2016 , p. 25), a ambiguidade é uma estratégia de comunicação importante entre contextos sociais diferentes.

Já conforme apresenta Gabriella Pironti (2014), há uma fluidez que caracteriza a representação do divino, especialmente em contextos politeístas. A tradução de uma potência divina em imagens pode ser feita de diversas formas, por meio de referências à tradição, mas também por meio da exploração das potências dinâmicas das associações entre gestos e vestimentas. Essas vestimentas são signos dinâmicos e polissêmicos, impossibilitando que a simples constatação de sua presença isolada em uma representação do divino permita uma identificação inequívoca e fixa. Dessa forma, entendemos que a justaposição de certos signos polissêmicos frequentes de Ártemis à Afrodite instaura um certo grau de ambiguidade que pode ter sido intencional por parte da autoridade cívica emissora e do gravador dos cunhos das moedas.

E tendo os demais tipos numismáticos não-tradicionais representando Afrodite em mente, podemos compreender como a simples combinação isolada de peças de vestuário, como o estefane, ou de penteados em forma de rolo não denota necessariamente a deusa Ártemis, embora esses signos sejam associados a ela com maior frequência. Para que a representação do dióbolo tradicionalmente identificada como Afrodite fosse revista, seria necessária uma justaposição de signos mais complexa no anverso (como a combinação estefane – penteado em rolo – aljava) e/ou uma associação com um reverso mais tradicional (como a presença de uma trípode). Afrodite seguramente pode apresentar signos da outra deusa, em certos

momentos sem risco à sua identificação, já em outros instaurando uma ambiguidade, dependendo da quantidade de signos compartilhados e justapostos.

Tomando o tipo numismático do dióbolo como um caso limite, é possível concluir que caso sigamos a atribuição tradicional da deusa como Afrodite, fica ainda mais evidente que a ruptura ocorrida por volta de 250 a.C., apesar de importante, foi menos radical do que aparentaria em um primeiro momento. A divindade representada nas moedas cnídias deixa de ser majoritariamente Afrodite, cedendo o espaço do anverso das moedas a outras divindades, principalmente à Ártemis. Mas seus signos são dinâmicos e polissêmicos, circulando para além da barreira cronológica de meados do III século a.C. e possibilitando certo grau de continuidade e ambiguidade.

Conforme apontado anteriormente, embora possamos atestar a importância crescente do culto à Ártemis em Cnido ao longo dos III e II séculos a.C., que também pode ser constatada pela epigrafia, Afrodite continuaria sendo uma presença marcante na vida religiosa, cívica e identitária da cidade, como atesta Pausânias ainda no II século d.C. Por meio de suas representações nas moedas, as deusas eram apresentadas aos sentidos (por intermédio da visão e do tato) e dando sentido (por intermédio de sua identidade, conjugando mudança e permanência) aos cnídios diante de um mundo divino de potências entrelaçadas por meio de seus signos.

REFERÊNCIAS

- ASHTON, R. H. J. The late classical/early hellenistic drachms of Knidos. *Revue numismatique*, 6ª s., t. 154, p. 63-94, 1999.
- BARTHES, R. *Sistema da moda*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

- BOSNAKIS, D.; HALLOF, K.; RIGSBY, K. *Inscriptiones insularum maris Aegaei praeter Delum, 4. Inscriptiones Coi, Calymnae, Insularum Milesiarum*. Pars I. Inscriptiones Coi insulae: decreta, epistulae, edicta, tituli sacri (nos. 1-423). Berlim: De Gruyter, 2010.
- CAHN, H. A. *Knidos: die Münzen des sechsten und des fünften Jahrhunderts v. Chr.* Berlim: Walter de Gruyter & co., 1970.
- COOK, J. M. Cnidian Peraea and Spartan Coins. *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 81, p. 56-72, 1961.
- GRANDJEAN, C.. Identité civique et réalités monétaires en Grèce ancienne. *Revue numismatique*, 6^a série, tomo 168, p. 11-21, 2012.
- GREENE, E. S.; LEIDWANGER, J. Knidian “Anyports”: a model of coastal adaptation and socioeconomic connectivity from southwest Turkey. *Mediterranean Historical Review*, vol. 34, n. 1, p. 9-25, 2018.
- HEAD, B. V. *Catalogue of the greek coins of Caria, Cos, Rhodes &c.* Bologna: Arnaldo Forni Editore, 1964.
- LEE, M. M. *Body, dress, and identity in ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- MCCABE, Donald F. Knidos inscriptions. Texts and list. Princeton: The Institute for Advanced Study, 1996.
- MEADOWS, A. “The great transformation. Civic coin design in the second century BC.” In: IOSSIF, P. P.; DE CALLATAÏ, Fr.; VEYMIERS, R. (eds). ΤΥΠΟΙ. *Greek and roman coins seen through their images. noble issuers, humble users? PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE organized by the Belgian and French Schools at Athens, 26-28 September 2012*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2018, p. 299-318.
- MUNKSGAARD, E. *Sylloge nummorum graecorum Copenhagen. The royal collection of coins and medals. Caria. Part 1 (Alabanda - Orthosia)*. Copenhagen: Danish National Museum, 1947.
- PIRONTI, G. “Du voile à la voile: réflexions sur l’Aphrodite en voyage et ses parures” In : HUET, V.; GHERCHANOC, F. *De la théâtralité du corps aux corps des dieux dans l’Antiquité*. Brest,

- França: Centre de Recherche Bretonne et Celtique - Université de Bretagne Occidentale, 2014, p. 91-106.
- PLEKET, H. W.; STROUD, R. S. *Supplementum Epigraphicum Graecum*, v. 38. Leiden: Brill, 1988.
- ROWAN, C. Ambiguity, Iconology and Entangled Objects on Coinage of the Republican World. *The Journal of Roman Studies*, v. 106, p. 21-57, 2016.
- SEGRE, M. Iscrizioni di Cos. Monografie della Scuola Archeologica di Atene e delle Missioni Italiane in Oriente, vol. 6. Roma: L'Erma, 1993.
- WESTERMARK, U.; ASHTON, R. *Sylloge nummorum graecorum Finland. The collection of Erkki Keckman in the SKOPBANK, Helsinki. Part 1: Karia*. Helsinki: The Finnish Society of Sciences and Letters, 1994.